

CIDADES: um ensaio sobre esse modo de ocupação do espaço.

Ana Luiza dos Santos Pestana¹

Luiz Eduardo Simões de Souza²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar o processo de desenvolvimento econômico afeta a modificação do espaço. Busca apresentar como as firmas se localizam e estas como impõe mudanças no modo de vida e fluxo migratório de pessoas. O artigo visa explicar como as decisões e como a natureza social do ser humano moldam o espaço geográfico levando ao crescimento e desenvolvimento das cidades.

Palavras-chave: Espaço urbano, Urbanização e Aglomerações urbanas.

Abstract

This paper presents an inquiry on how economic development affects and shapes space. Investigates the reason behind firms location decisions and the impacts on lifestyle and migration. This article aims to explain how decisions and human behavior play a role in the way space is shaped and how cities grow and develop.

Key-words: Urban Area, Urbanization and Urban agglomerations.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir como o capitalismo molda o espaço urbano, pois o processo econômico envolve a constante construção e a desconstrução ou substituição de firmas e meios de produção o que resulta em uma constante modificação do espaço. Nesse sentido, as cidades que concentram uma grande diversidade de pessoas e um grande número de firmas, tendem a estar em constante modificação no que se refere a mudanças na utilização dos espaços.

Dividimos o trabalho em três partes, teorias da localização, organização do espaço e

1 Aluna do curso de Ciências Econômicas. 6º período, UFMA. E-mail:

analuiza.pestana@gmail.com

2 Prof. Dr. Em História Econômica. Prof. Adjunto IV da Universidade Federal do Maranhão. (orientador). E-mail: luizedusouza@gmail.com

cidades. A primeira parte traz um resumo das principais teorias que tratam das decisões da firma sobre onde se instalar, ou seja, o melhor local para uma firma. Diversos fatores entram nessa análise da firma entre eles infraestrutura de transporte e mão de obra além das economias de escala. Nota-se que a partir desse processo de decisão instaurou-se uma tendência a urbanização e a segunda parte do artigo aborda essa organização do espaço. Após analisar a organização do espaço em uma escala macro, realiza-se, na terceira parte, a análise da dinâmica das cidades.

Trataremos portanto da questão do espaço visando considerar os fatores sociais assim como os fatores puramente econômicos de maneira a melhor ilustrar a dinâmica urbana.

2 TEORIAS DA LOCALIZAÇÃO

No século XVIII, iniciou-se uma mudança no modo de produção, no que ficou conhecido como a revolução industrial consolidando o capitalismo porém modificando os moldes deste. A Europa foi o primeiro continente a passar por essa revolução que distanciou o trabalhador dos meios de produção e consolidou as relações de trabalho no moldes do assalariamento. A industrialização foi acompanhada de um processo de concentração populacional e da infraestrutura. Então, os desdobramentos históricos, culturais, e econômicos levaram a uma gradual modificação do espaço. Tendo em vista que as necessidades sociais e a natureza humana levam a uma adaptação do espaço, quando a acumulação se torna o foco, o espaço passa a ser modificado em função deste.

A firma escolhe os espaços que modificará a fim de obter lucro. E ao se instalar cria uma área de influência ou pode se instalar em função de estar sob influência de outra firma ou grupo de firmas. A firma é um dos principais motores de modificação espacial. Pois suas decisões acerca de sua instalação assim como os mecanismos de competição forçam mudanças geográficas.

Esse processo, então deu origem a diversas teorias da Localização, sendo uma das primeiras teorias desenvolvidas ainda com base agrícola, Von Thünen publicou em 1826 a teoria do Estado Isolado.

A teoria de Von Thünen, que serviu de base para a teoria de Alfred Weber publicada em 1909, tem como ponto principal o equilíbrio entre dois fatores : o preço da terra e o custo com transporte. O primeiro fator, preço da terra vai determinar o quanto as atividades econômicas vão se dispersar pelo espaço. O segundo fator, o custo com transporte determina a concentração das atividades.

Posteriormente a essa publicação de Von Thünen, Alfred Weber publicou a teoria da localização das indústrias, adicionando elementos não existentes durante a análise de Von Thünen. “It may be that the enormous agglomerations of today are nothing but inevitable results of a certain stage of economic and technical development; or perhaps they are the consequence of the social organization of our economic system.” (WEBER, 1929, p. 3). Nota-se que a densidade urbana que passou a se apresentar, leva Alfred Weber a rever o problema do espaço, e como este se molda, em seu livro, será analisado os fatores de ação sobre as decisões dos agentes econômicos e a consequente formação do espaço. Deste modo A. Weber separa o sistema econômico em três esferas: a produção, distribuição e o consumo. Cada uma dessas possui um tipo de força locacional atuando e para entendermos como o processo de localização das indústrias acontece é preciso analisar cada uma dessas forças individualmente mas também o seu efeito coordenado.

Let us start by supposing that all the isolated processes of industrial production will naturally at first be pulled to their most advantageous (optimal) points of transportation costs. Let us then regard this as the basic network of industrial orientation created by the first locational factor, transportation costs. Apparently, then, the differences of cost of labor (the second locational factor) represent a force altering this basic network. The most advantageous places of labor create a first distortion of the basic transportational (transportmässig) network of industrial location. We thus gain the conception of a fundamental orientation of industry according to cost of transportation, and of an alteration of this fundamental orientation by labor locations (Arbeitsplätze). Every agglomeration tendency – in other words, the entire 'group of all other locational factors which we have not so far taken into account – is nothing but a second altering force, an I other deviating tendency which tends to distort the transportational network and shift it to certain other points, the points of agglomeration. In its net effect this entire group is a unit also. And like the other altering factor, the differences in the labor costs, it is a uniform locational factor. It is competing with that other factor. (WEBER, 1929 [1953], p 35)

Nota-se nessa passagem a dinâmica das forças que determinam como o espaço vai se moldando pelo capitalismo, A. Weber apresenta sua teoria onde busca formular as leis que regem esse processo. Para ele, os custos com transporte, custo com trabalho e os fatores aglomerativos e desaglomerativos combinados definem onde será o ponto ótimo para cada firma, o produto final influi em como cada força atuará sobre as decisões da firma, pois este determina qual a orientação dos produtos da firma e consequentemente qual fator locacional tem maior influência sobre as decisões desta.

3 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

O modo de organização social depende em grande medida do desenvolvimento

agrícola. Pois a população só consegue crescer e se urbanizar quando há excedente agrícola. A existência de excedente agrícola também implica no grau de divisão do trabalho que pode atingir uma civilização. Verifica-se atualmente uma concentração da população em áreas urbanas, em 2015 mais de 50% da população mundial passou a viver em centros urbanos (Fonte: World Bank). Embora os dados mostrem que a população mundial é majoritariamente urbana, os processos e o grau de urbanização variam entre países. Países em desenvolvimento apresentam altos níveis de urbanização, Brasil e Argentina, por exemplo, apresentam níveis de urbanização superiores a 82,9% ou seja, estão no mais alto grau de urbanização definido pelo Banco Mundial. Apesar de níveis similares de urbanização, isso não implica necessariamente em um alto índice de desenvolvimento humano, o Brasil se encontra em termos de urbanização mesmo patamar de países como a Finlândia e a Suécia, no entanto, os dois países europeus estavam em 2014 respectivamente em 24º e 14º no ranking do IDH e o Brasil figurava em 75º no ranking do mesmo ano.



Figura 1 – Night lights. Fonte: Robert Simmon, 2012.

A imagem acima ilustra como o espaço foi modificado pelo homem, a existência de zonas urbanas não é uma construção geográfica natural, entretanto, é foi uma maneira de facilitar as transferências econômicas.

O capitalismo é um processo evolutivo e de transformação econômica e que portanto não possui uma natureza estacionária através da chamada destruição criadora é possível entender não somente a maneira como o processo de inovação acontece mas também a dinâmica que o espaço está submetido. Processo esse que leva a momentos de boom e depressão econômicos. Harvey (2005) diz que as crises acontecem e a modificação das

estruturas geográficas é uma das maneiras de restaurar o crescimento econômico, ou seja, as condições de acumulação.

[...] Em consequência, podemos esperar testemunhar uma luta contínua, em que o capitalismo, em determinado momento, constrói uma paisagem física apropriada à sua própria condição, apenas para ter de destruí-la, geralmente durante uma crise, em um momento subsequente. As crises temporais do investimento de capital fixo, muitas vezes expressas como “ondas longas” do desenvolvimento econômico (consultar, por exemplo, Kuznets, 1961; Thomas, 1973) são portanto, normalmente expressas como reformas periódicas do ambiente geográfico, para adaptá-lo às necessidades da acumulação adicional. (HARVEY, 2005, p52)

A passagem de Harvey explicita as consequências de uma crise, a crise abala a organização do espaço urbano levando a migrações e fechamento de plantas. Quando isso acontece os espaços são momentaneamente inutilizados passando a existir assim uma capacidade ociosa. Em busca de restaurar as condições de crescimento. As políticas de planejamento econômico podem buscar atrair investimentos para essas áreas inativas por meio de obras públicas. E por vezes os setores da chamada economia criativa podem ocupar esses espaços dando um novo papel econômico a estes.

4. CIDADES

4.1 Formação das Cidades

A formação de cidades é resultado da maneira como os humanos se desenvolveram socialmente, em diferentes partes do globo e em diferentes momentos da história grupamentos foram se formando e também se dissiparam. Atualmente o continente europeu é um dos mais urbanizados, sendo este o berço do capitalismo e o responsável pela disseminação desse modo de produção e modificação do espaço. É importante explicitar que haviam centros urbanos anteriores aos europeus e estes foram responsáveis por grandes invenções e avanços científicos que vieram posteriormente contribuir para o desenvolvimento europeu, notoriamente se enquadram nessa categoria os centros urbanos do oriente.

No século XVIII, a Europa que era rural passou pelo processo chamado Revolução Industrial, que marcou o início de uma nova era no capitalismo. É ponto comum na historiografia econômica a estreita relação entre esse processo e uma série de mudanças demográficas nas tendências cíclicas que se apresentavam até o momento (CIPOLLA, 1979). Pois a história demográfica da Europa é marcada por crises e recuperações.

Giuseppe Bracco diz no capítulo dois do livro *An Economic History of Europe* que apesar da

ausência de censos populacionais unificados, pois os registros eram feitos a época juntamente as igrejas, no século XVI é possível inferir através do estudo de áreas pequenas a tendência geral de recuperação do contingente populacional que havia diminuído consideravelmente durante o século XIV em consequência da pandemia de peste negra. Apesar dessa tendência de recuperação verifica-se uma construção do espaço similar a medieval, em consequência da ausência de grandes centros urbanos. No final do século XVI, Bracco aponta que haviam sete centros urbanos na Europa com um número igual ou maior que 100.000 habitantes. Eram estes: Milão, Veneza, Roma, Nápoles, Palermo, Paris, Londres e Lisboa. Nota-se que cinco desses centros ficam no que hoje é o território italiano e foram grandes centros de inovação cultural e política durante o Renascimento.

O século XVII, em termos geográficos e econômicos, segundo a avaliação das tendências feita por Alberto Guenzi, encontrava-se em um estado de estagnação do crescimento populacional, em parte devido a fatores regionais, climáticos e técnicos e por outro lado, os conflitos que eclodiam frequentemente como resultado de disputas políticas forçavam racionamentos e restrições a bens de primeira necessidade sobre a população civil, sendo assim mantida uma estagnação demográfica no continente europeu. O crescimento demográfico até o século XVII era restrito pela quantidade de terra disponível para a agricultura e as necessidades alimentares. Guenzi aponta que no século XVII a Europa encontrava-se no limite desse equilíbrio entre crescimento populacional e eficiência agrícola, e portanto, suscetível a crises semelhantes as enfrentadas em séculos anteriores. Entretanto isso não aconteceu devido, o desenvolvimento de novas técnicas de produção e consequentemente produção de excedente agrícola.

No século XVIII, se deu uma revolução demográfica, resultado da quebra da restrição do crescimento populacional. John A. Davis aponta que nesse século passou-se a produzir excedente agrícola. Essa é uma das razões que proporcionaram a possibilidade de um crescimento demográfico. Ele também aponta uma tendência de crescimento relacionada a taxa de casamentos e vacinas. É importante notar que foi durante esse século que iniciou-se a chamada revolução industrial, e em certa medida está só foi possível porque a segurança alimentar atingida permitiu que contingentes populacionais se deslocassem para centros urbanos concretizando e aumentando o processo de divisão do trabalho.

O surgimento de aglomerações urbanas é em um momento inicial resultado da necessidade de escoar a produção agrícola e também da demanda por bens manufaturados e serviços. Com a mudança no processo de produção e instauração da produção industrial, as aglomerações também passaram a constituir o meio de acesso não só a bens de consumo

como também acesso aos postos de emprego.

Nota-se que a urbanização era limitada por excedente agrícola, entretanto devido à capacidade de exportação de excedente agrícola por parte de alguns países tornou-se possível a urbanização de países pobres e com pouca independência agrícola.

O processo de formação das cidades não é igual, cada região se enquadra em um contexto histórico e por meio desse a posição dos centros urbanos em uma espécie de hierarquia é determinada. Sendo que alguns desde centros urbanos enviam capital a centros maiores ou ao exterior. Enquanto outros centros urbanos são receptores de mais-valia. Outro importante fator é o grau de desenvolvimento dos circuitos superior e inferior, pois em países onde não há uma grande disparidade de renda, a necessidade de um circuito inferior para satisfazer as demandas dos níveis mais baixos de renda não se faz tão grande quanto em países onde existem altas disparidades de renda. A urbanização se deu de maneira rápida e tardia nos países em desenvolvimento em consequência da falta de capital interno para o desenvolvimento de indústrias.

4.2 Consequências da densidade

No início do processo de concentração da população em áreas urbanas. As atividades econômicas eram meramente mecânicas. A indústria manufatureira e de mineração, por exemplo, se encaixam perfeitamente nas leis de Weber acerca da decisão de localização delas dando ênfase aos fatores locacionais transporte e trabalho. Entretanto, nota-se uma tendência atual a concentração a preferências pela proximidade da indústria senão a proximidade das plantas, a proximidade da gerência dessas companhias. Entretanto nas indústrias com grande nível de inovação consequentemente com altos ou frequentes investimentos em P&D, e o setor de serviço tendem a se concentrar formando o que Marshall chama de *industrial clusters* (MARSHALL, 1873 [1945]). De fato a velocidade das inovações na cidade é maior que nas zonas rurais. Seja inovação nos produtos ou inovações nos meios de competição. Os benefícios das aglomerações urbanas não se restringem a redução de custos, melhor acesso a bens e serviços etc. Pois a existência desses núcleos permitiu o desenvolvimento de ideias que moldam o modo de vida humano, no sentido que a facilidade de transmissão de ideias é muito maior devido à proximidade, as grandes evoluções feitas pela arte são em grande medida uma consequência da proximidade, por exemplo, o renascimento se deu nos séculos XV e XVI, na Itália onde haviam as maiores concentrações urbanas ou as maiores cidades europeias a época. Um processo similar se deu na Grécia Antiga com a concentração de filósofos que

lançariam a fundação teórica para os campos da ciência, que se encontram em um estágio de desenvolvimento muito maior que a época devido principalmente ao intercâmbio de ideias. Durante o desenvolvimento histórico os meios de comunicação de ideias foram evoluindo até a revolução tecnológica da comunicação dos séculos XX e XXI, de modo que as ideias podem ser transmitidas a todos os pontos do globo sem a necessidade de uma proximidade geográfica. De fato, a transmissão de ideias e inovações. Assim como estilo de vida e padrões de consumo não mais se limita a fronteiras geográficas. Os limites naturais foram superados pelas mídias sociais. Embora barreiras linguísticas, por exemplo, possam barrar momentaneamente a propagação das ideias, logo estas são superadas. Pode-se então argumentar que não há necessidade da formação de aglomerações urbanas para o desenvolvimento de inovações, entretanto, não se verifica uma tendência de desaglomeração, ao contrário, verifica-se uma tendência crescente em escala mundial. Os dados apresentados pelas Nações Unidas em 2016 acerca das cidades mostram que a tendência de aglomeração se mostra contínua em todas as regiões do globo.

O processo de aglomeração se mantém em parte porque as inovações dependem de uma interação humana direta por essa razão as Startups, por exemplo, que são empresas que se propõem em grande medida solucionar problemas do estilo de vida moderno, mantêm sedes ou plantas. Embora por vezes não exista uma necessidade aparente já que as atividades poderiam ser executadas de qualquer lugar onde haja um computador conectado a rede. Outro fator que leva a aglomeração é que as cidades ou zonas metropolitanas concentram os serviços o que funciona como um polo de atração das populações pobres e rurais, que abandonam estas regiões em busca do acesso a serviços modernos e públicos. No caso dos países em desenvolvimento onde geralmente o Estado é menos eficiente na prestação de serviços públicos, as zonas urbanas apresentam esse fator atrativo também na medida em que as zonas rurais, muitas vezes carecem de assistência social e serviços relativos a saúde pública e educação.

Historicamente, a determinação da localização das firmas em aglomerações urbanas se deu em consequência das vantagens em termos de custo com transporte e mão de obra. Sendo grande parte dos custos com transporte reduzidos devido à existência de vantagens geográficas, portanto, nos primórdios da urbanização a decisão de instalação em um centro urbano ou em outro estava ligada a facilidades de transporte e a natureza do mercado de mão de obra de cada centro. Entretanto, quando se adicionou o fator globalização, a importância do fator transporte decresceu, e a também do fator mão de obra em setores que não possuem um alto nível de especialização da mão de obra.

O fator globalização transferiu as plantas de países desenvolvidos para países em desenvolvimento, não significando entretanto uma queda do padrão de acumulação de capital nestes. Segundo Doherty, as plantas instaladas em países em desenvolvimento “Sob o disfarce de promotoras do crescimento, elas não têm outra função além de coletar o excedente e enviá-lo para as cidades maiores e para o estrangeiro” (SANTOS, 2014 apud DOHERTY, 1974). O que se nota é que apesar da distribuição através do globo dos meios de produção existe uma tendência a manutenção do papel secundário dos países em desenvolvimento, pois embora seja gerada renda nesses países ou áreas urbanas, devido as relações de trabalho o lucro não se mantém nessas áreas. Esta tendência é apresentada por Milton Santos como o resultado da perseguição de um modelo de desenvolvimento, pois para alcançar o modelo, as políticas de planejamento econômico acabam por levar ao subdesenvolvimento e/ou dependência de capital externo para execução da produção. Ao buscar garantir condições favoráveis a instauração de firmas as políticas sociais podem ser colocadas em segundo plano.

As políticas de planejamento e maneira como as transações comerciais são realizadas só perpetuam a condição central dos países centrais e a condição periférica dos países em desenvolvimento no que se refere a fluxo de capital e acumulação do mesmo. Porém além dessas relações socioeconômicas verificadas, no como apontado por Milton Santos no circuito superior, existe um circuito inferior que absorve as populações de baixa renda e com pouca qualificação, sendo por meio deste que as populações menos abastardas conseguem acesso a serviços e bens de consumo modernos. É também este circuito que absorve a oferta de trabalhadores não especializados geralmente em situação de subemprego.

5 CONCLUSÃO

Neste artigo apresentamos a dinâmica do espaço urbano a partir da implantação do modo de produção capitalista, pois o espaço passa a ser modificado em função deste, logo em função da acumulação. As cidades são formadas como consequência das relações comerciais e consolidam a divisão do trabalho e as relações de trabalho, na medida que a vida urbana impõe padrões de consumo. As firmas são o principal vetor de mudança espacial, pois ao decidir se instalar em um local imprimem mudanças na paisagem assim como forçam mudanças na população em sua área de influência.

A paisagem da Terra foi modificada pela dinâmica econômica se distanciando assim de sua constituição natural para que fossem facilitadas as transferências econômicas. A modificação do espaço além de possuir um papel facilitador funcionam também como um

meio de restaurar as condições para a acumulação durante uma crise.

O processo de formação das cidades não é homogêneo e consequentemente os centros urbanos possuem composições de renda diferentes assim como se enquadram em pontos diferentes da hierarquia. No sentido que, algumas cidades por meio do capital subordinam outras cidades.

A população mundial é atualmente majoritariamente urbana. Embora a alta densidade traga benefícios, no que se refere ao compartilhamento de informações e portanto maior velocidade na propagação de inovações. Nos moldes atuais esta perpétua as relações de subordinação.

Em suma, as cidades possuem uma capacidade de atração de pessoas devido ao acesso a serviços modernos e a necessidade que as pessoas têm de se encaixar nessa dinâmica. Mas ao mesmo tempo as são em certa medida resultado de interesses das firmas.

A questão urbana tende a se tornar cada vez mais relevante em consequência da tendência atual de concentração da população mundial. O que implica em mudanças não somente em mudança na constituição do espaço, mas também mudanças nos fluxos de capital.

REFERÊNCIAS

CIPOLLA, Carlo. ***História Econômica Geral***. São Paulo: Graal, 1979.

DI VITTORIO, Antonio (Org.) ***An Economic History of Europe***. Abingdon: Routledge, 2006 (2002).

HARVEY, David. ***A produção capitalista do espaço***. / David Harvey. – São Paulo: Annablume, 2005. (2001).

MARSHALL, Alfred. ***The Economics of Industry*** (1873). Cambridge : Cambridge University Press, 1945.

SANTOS, Milton, 1926-2001 *Economia Espacial: Críticas e Alternativas*/ Milton Santos; tradução Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi.-2. ed., 3º reimpr. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 201. – (Coleção Milton Santos; 3).

SCHUMPETER, J.A. ***Capitalism, socialism and democracy***, Londres, George Allen e Unwin, 1976. (1947).

SIMMON, Robert. **Night Lights 2012- Flat Map**. Disponível em:
<<http://visibleearth.nasa.gov/view.php?id=79765>> Acesso em: 9/03/2017

The World Bank. **Urban Population**. Disponível em:
<[http://data.worldbank.org/indicator/SP.URB.TOTL.IN.ZS?
end=2015&start=1960&view=map](http://data.worldbank.org/indicator/SP.URB.TOTL.IN.ZS?end=2015&start=1960&view=map)> Acesso em: 9/03/2017.

United Nations Development Program. **Human Development Data (1980-2015)** Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/data> Acesso em: 09/03/2017.

WEBER, Alfred. **Theory of location of industries**. Chicago, Chicago University Press, 1953 (1929).